

COEDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA FERRAMENTA PARA ABORDAR AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS

DR. FABIANO PRIES DEVIDE

Doutor em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho – UGM
Professor do Instituto de Educação Física da Universidade
Federal Fluminense – UFF
Líder do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na
Educação Física – GREGEF/CNPq

CRISTINA MARIA DA ROCHA

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense – UFF
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na
Educação Física – GREGEF/CNPq

IZABELA DOS SANTOS MOREIRA

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense – UFF
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na
Educação Física – GREGEF/CNPq

Resumo | Esse relato de experiência apresenta resultados do projeto “Coeducação e Educação Física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais”, ocorrido em um Colégio Universitário. O objetivo foi sistematizar e aplicar a abordagem coeducativa na Educação Física escolar no Ensino Fundamental. O projeto se organizou em três fases: seminários de leitura, observação das aulas e intervenção pedagógica. Com base no diário de campo, resultados apontam para quatro categorias relacionadas à prática discente sobre as relações de gênero: exclusão por habilidade motora, machismo, sexismo e misoginia. A intervenção pedagógica gerou comportamentos de receptividade e resistência às atividades propostas e à problematização sobre gênero nas aulas.

Palavras-chaves | Educação Física Escolar; Gênero; Coeducação.

COEDUCATION AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A TOOL TO APPROACH GENDER RELATIONS DURING BODY PRACTICES

Abstract | This experience report presents the results of the project “Coeducation and School Physical Education: a tool to approach gender relations during body practices”, which took place at an University College. With the objective to systematize and apply the coeducational approach during Physical Education classes at Elementary School, the project was organized by containing three phases: reading seminars, class observations and intervention. Based on field diaries, results point to four categories relating to student practices on gender relations: motor skill exclusion, chauvinism, sexism and misogyny. During the intervention phase, the proposed activities and gender problematization generated both receptive and resistant behaviors at classes.

Keywords | Scholastic Physical Education; Genre; Co-education.

COEDUCACIÓN Y EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ESCUELA: UNA HERRAMIENTA PARA ABORDAR LAS RELACIONES DE GÉNERO EN LAS PRÁCTICAS CORPORALES

Resumen | Este informe de experiencia presenta los resultados del proyecto “Coeducación y educación física en la escuela: una herramienta para abordar las relaciones de género en las prácticas corporales”, que ocurrió en un Colegio Universitario. El objetivo era sistematizar y aplicar el enfoque coeducativo en la educación física escolar en la escuela primaria. El proyecto se organizó en tres fases: seminarios de lectura, observación de clases e intervención pedagógica. Con base en las lecherías de campo, los resultados apuntan a cuatro categorías relacionadas con la práctica del estudiante en las relaciones de género: exclusión debido a habilidades motoras, machismo, sexismo y misoginia. La intervención pedagógica generó comportamientos receptivos y resistentes a las actividades propuestas y a la problematización sobre el género en las clases.

Palabras clave | Educación Física Escolar; Género; Coeducación.

INTRODUÇÃO

Os Estudos de Gênero no âmbito da Educação Física (EF) surgem no fim da década de 1980 (DEVIDE *et al*, 2011, DEVIDE, 2020).

Decorrentes das preocupações feministas da década de 1970, o conceito de gênero emerge como distinto do termo sexo, rejeitando o binarismo masculino-feminino e o “determinismo biológico”, onde desigualdades sociais entre os sexos eram compreendidas como algo *a priori*, justificadas pela Biologia. O conceito de gênero passa a ser compreendido como categoria de análise da construção social e histórica produzida sobre características biológicas, evidenciando as desigualdades que afetavam a vida das mulheres (SCOTT, 1995).

Gênero passa a ser compreendido enquanto a construção social do sexo (LOURO, 2003), e constituinte da identidade dos sujeitos. Na lógica heteronormativa - ser homem requer a adoção de uma identidade masculina, e ser mulher uma identidade feminina, Logo, na escola e nas aulas de Educação Física escolar (EFe) espera-se de meninos e meninas comportamentos diferenciados e opostos: meninos jogam futebol, esportes de contato e ocupam os espaços, enquanto meninas dançam e se envolvem com atividades mais passivas. Contudo, é importante reconhecer que no interior desses grupos, há heterogeneidades entre os meninos e entre as meninas no que tange às habilidades motoras, idade, força, entre outros aspectos. Aqueles(as) que rompem as fronteiras do gênero, são considerados(as) “desviantes” ou diferentes, sendo discriminados(as) pela comunidade escolar e pela sociedade.

Em um cenário de aula, o panorama descrito gera exclusões de alunos(as) devido ao preconceito, às discriminações e/ou pela internalização dos estereótipos de masculinidade e feminilidade hegemônicos (DEVIDE, CUNHA, VOTRE, 2014; SILVA, DEVIDE, 2009). Como exemplo, temos os meninos e meninas que sofrem discriminações por demonstrarem interesse pela prática de atividades estereotipadas para o sexo oposto; e discentes que deixam de participar de atividades porque internalizaram que aquela prática não é do seu sexo (ALTMANN, 2015).

Na EFe, os(as) alunos(as) naturalizam as diferenças e características relacionadas ao gênero, presentes nas práticas corporais. Dessa forma, a EFe precisa passar de um ambiente de discriminações e exclusões, para tornar-se um local de reflexão, inclusão e respeito às diferenças,

valorizando-as nas aulas. Para tal, precisamos superar as aulas mistas, modelo predominante na EFe, onde ambos os sexos convivem na maioria das vezes de forma não harmoniosa, para buscar a implementação do modelo Coeducativo (SARAIVA, 2002, 2005; CORSINO, AUAD, 2012). Neste modelo, a perspectiva binária tende a ser desconstruída, ao problematizar as discontinuidades nas representações do feminino e do masculino, presentes nos novos espaços ocupados por homens (espaço privado, cuidado dos filhos/as) e mulheres (espaço público, trabalho profissional) na sociedade contemporânea (LOURO, 2004).

As aulas coeducativas podem trazer diversas contribuições para a EFe, como ampliar as vivências esportivas e as capacidades motoras de alunos(as); promover a interação social entre grupos heterogêneos, valorizando e problematizando suas diferenças; interpretar as práticas corporais de forma relacional quanto ao gênero, combatendo o sexismo; libertar alunos(as) de papéis que determinam o que cada sexo pode experimentar nas práticas corporais, como o futebol e as lutas aos meninos e as atividades rítmicas às meninas (LOUZADA DE JESUS, DEVIDE, 2006).

Na Coeducação, a EFe aborda a equidade entre os sexos, criando um ambiente que promova a reflexão sobre as questões de gênero, a fim de minimizar desigualdades e desconstruir a estereotipia de gênero. Este modelo objetiva o desenvolvimento integral do(a) discente, a partir de uma formação integrada de ambos os sexos, que valorize as diferenças e habilidades independentemente do sexo (SARAIVA, 2005; CORSINO, AUAD, 2012).

CENÁRIO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

O projeto “Coeducação e EFe: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas vivências das práticas corporais” foi desenvolvido num Colégio Universitário, a partir de um Programa destinado à formação de licenciando(as), presente numa Instituição de Ensino Superior Pública Federal. Neste contexto, duas bolsistas acompanharam 23 aulas de 5 turmas do ensino fundamental (301, 401, 501, 701, 901),

construindo um diário de campo que norteou a posterior intervenção pedagógica Coeducativa, em parceria com as professoras supervisoras de EFe da instituição.

O projeto se *justifica* por: promover a reflexão sobre as relações de gênero na formação inicial das Licenciaturas, especificamente da EFe, área que historicamente tem reforçado estereótipos de gênero através de conteúdos interpretados como masculinos ou femininos; conferir visibilidade à abordagem da Coeducação na formação em EF; oferecer ferramentas didáticas para licenciandos(as) abordarem as relações de gênero na EFe a partir de uma perspectiva que combata o binarismo; viabilizar que licenciandos(as) em EF acessem os princípios da Coeducação, pondo-os em prática na intervenção pedagógica concreta com a Educação Básica; e fortalecer o diálogo entre os conhecimentos produzidos na universidade e em seu Colégio Universitário.

O *objetivo geral* foi desenvolver competências em licenciandos(as) para sistematizarem e aplicarem a Coeducação na EFe no Ensino Fundamental I e II, com vistas a abordarem as relações de gênero nas práticas corporais. Como *objetivos específicos*, visamos promover os princípios da abordagem Coeducativa e suas possibilidades de sistematização na EFe; refletir sobre a aplicação da Coeducação em situações concretas de aulas de EFe do Ensino Fundamental; e conduzir aulas que problematizem as relações de gênero a partir das vivências das práticas corporais.

Do ponto de vista teórico, o presente projeto esteve balizado pelos Estudos de Gênero na Educação (LOURO, 2001, 2003; LOURO, FELIPE, GOELLNER, 2013) e na Educação Física (KNIJNIK, ZUZZI, 2010; DORNELLES, WENETZ, SCHWENGBER, 2014, 2017; DEVIDE, 2017).

Metodologicamente, este projeto de ensino, de abordagem qualitativa e descritiva (MINAYO, 2016), é apresentado como um relato de experiência. O projeto se debruçou sobre um fenômeno social - as relações de gênero no âmbito das aulas de EFe no Ensino Fundamental I e II, no intuito de observar e intervir acerca de questões afins às configurações das relações de gênero presentes nas vivências de práticas corporais, no que tange às ações de inclusão e/ou exclusão por gênero, assim como em relação a categorias como etnia, classe e habilidade motora.

O projeto utilizou a observação participante sistemática (NEGRINE, 2017) na primeira etapa, acompanhando 23 aulas das turmas do fundamental (301, 401, 501, 701, 901) da instituição, com vistas a mapeá-las na presença das docentes supervisoras da escola, em termos comportamentais, no que tange às relações de gênero. As práticas sociais recorrentes relacionadas aos objetivos do projeto foram registradas em um diário de campo, que serviu de balizador para compreensão das relações existentes entre meninos e meninas, entre meninos e entre meninas. A análise do conteúdo do diário de campo permitiu a construção *a posteriori* de quatro categorias, a saber: exclusão por habilidade motora, machismo, sexismo e misoginia; as quais nortearam a intervenção pedagógica Coeducativa junto às turmas.

Resultados e discussão

A categoria *Exclusão por habilidades motoras* se refere às práticas que alunos(as) manifestaram ao longo das aulas observadas, tendo como aspecto central a exclusão de um(a) ou mais colegas durante uma atividade, conforme destacamos na *Cena 1*:

No momento em que a professora supervisora dividiu as equipes do jogo “pique bandeira”, a mesma (professora) solicitou que fossem equipes mistas. Neste momento, um aluno da turma 901 se queixou dizendo: “-Não! As meninas não!”, argumentando que elas apresentavam menos habilidade para participar do jogo. (grifos nossos)

Os estudos de gênero com foco nas práticas de exclusão têm apontado que a habilidade motora é um dos fatores centrais para a exclusão ou inclusão de meninos(as) nas atividades da EFe (DEVIDE et al, 2010; CORSINO; AUAD, 2012; ALTMANN, 2015). Isto requer que docentes estejam atentos(as) para promoverem atividades diversificadas, de caráter coeducativo, nas quais as habilidades motoras necessárias para um jogo, sejam menos relevantes em outro, criando um ambiente no qual alunos(as) sintam-se motivados(as) em participar, vivenciando o sucesso na participação de atividades diversas.

A segunda categoria, *Machismo*, caracterizou-se por ações identificadas quando meninos, em geral, desqualificavam meninas, com base

no sexo, como se este determinasse suas habilidades e conhecimentos para participar das atividades. Inúmeros fatos ocorreram, sobretudo, via linguagem discriminatória (SILVA, DEVIDE, 2009), para demarcar uma hierarquia de gênero entre meninos e meninas na EFe, conforme as *Cena 2* e *3*:

A professora propôs a confecção de cartazes sobre a história das mulheres da seleção brasileira de futebol na turma 901: conquistas, títulos, vida pessoal, quais eram as atletas, a maternidade etc. Nesta atividade, ao se referir ao cartaz que criariam sobre a seleção feminina de futebol, um aluno questionou: “-Ué! E menina joga futebol?! Bora fazer do Neymar”. (grifos nossos)

Antes da atividade prática na turma 701, a professora questionou as desigualdades profissionais entre homens e mulheres. Uma aluna destacou a tríplice jornada das mulheres e como seus companheiros, na maioria, só cumprem o trabalho formal, fora de casa, sem ajudar com filhos(as) e afazeres domésticos. Após a reflexão, um aluno comentou: “-Mãe é que tem que cuidar dos filhos! O pai não tem que fazer nada não. O filho tá feito? O trabalho do pai já foi”. (grifos nossos)

Ambas as cenas explicitam um discurso machista que colabora para construir uma assimetria de gênero nas aulas de EFe. Na cena 1, a fala do aluno reforça a invisibilidade das mulheres no futebol, negando os avanços históricos das mulheres nesta modalidade nas últimas décadas (GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005); enquanto na cena 2 nega-se um quadro desigual sobre as atribuições de mulheres e homens no cotidiano das esferas pública e privada, explicitando o machismo do aluno, além de atribuir à figura da mãe a exclusividade pelo cuidado dos(as) filhos(as). A Coeducação pode problematizar o futebol enquanto prática de todos(as), dando visibilidade às conquistas das mulheres na modalidade, desconstruindo estereótipos de gênero pautados no machismo, o que pode despertar o interesse de meninas que desejam jogar o futebol, além do respeito por parte dos meninos. A EFe também pode problematizar mudanças na ocupação dos espaços por homens e mulheres, como por exemplo, a inserção de mulheres em cargos no treinamento esportivo, na mídia esportiva, na arbitragem etc., interpretados como masculinos; assim como homens que compartilham tarefas domésticas e cuidados com os(as) filhos no cotidiano familiar.

A categoria *Sexismo* foi identificada a partir de práticas recorrentes de exclusão, em sua maioria, de meninas, pelo fato de serem meninas, conforme destacamos na *Cena 4*:

Na aula da turma 401, a professora passou uma lista para o torneio de futebol que aconteceria na escola, explicando que havia vagas para jogador(a), apoio (marcar pontuação, levar hidratação, arbitrar) e torcida. As meninas estavam se inscrevendo para jogar, quando um menino comentou: “-Se vocês jogarem, a gente vai perder. O lugar de vocês é cuidando da gente e torcendo por nós”. (grifos nossos).

Na cena descrita, destacamos dois aspectos a serem problematizados pela Coeducação: a naturalização das diferenças de habilidades motoras para jogar futebol, desconsiderando questões de ordem social (SARAIVA, 2005; LOUZADA DE JESUS, DEVIDE, 2006); e a representação social que associa as meninas e mulheres com o cuidado, sendo necessário “desnaturalizar” representações sobre cuidado, afeto, zelo etc. associadas exclusivamente às mulheres (TRONTO, 1997).

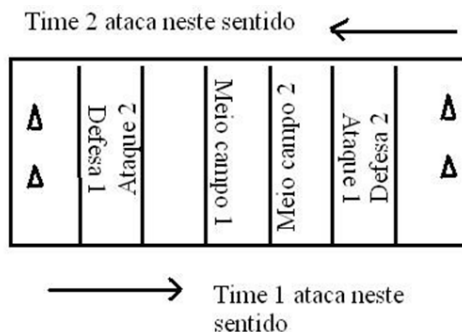
Por fim, a categoria *Misoginia* foi destacada a partir de atitudes recorrentes que demonstraram raiva em relação às mulheres, especificamente, à figura da professora, conforme descrevemos na *Cena 5*:

Durante o debate sobre ‘mulheres no esporte’ na turma 701, meninos afirmaram que mulheres *devem cuidar dos filhos*, pois *isso não era função dos homens*. As meninas feministas discordaram. A professora mediou o debate, questionando as raízes patriarcais da sociedade e seus reflexos na atualidade. Questionou se havia tarefas para as mulheres e homens. Neste momento, alguns alunos cochicharam sobre a professora: ‘-Não sei como uma *vadia* passa pelo processo de seleção de Educação Física’, ‘-Mulher com tatuagem na perna é tudo *vadia*’. (Grifos nossos)

Além de reforçarem a naturalização do “cuidado” como uma atribuição exclusivamente feminina, este recorte do diário de campo merece atenção por explicitar uma atitude misógina em relação à professora. É relevante sublinhar que este discurso velado, constitui-se numa forma de violência simbólica que, ao longo dos anos, pode ser transformar numa violência física de alunos frente suas colegas, aspecto a ser problematizado a partir de uma abordagem Coeducativa (SARAIVA, 2005; CORSINO, AUAD, 2012).

A partir do perfil das turmas, avançamos para a fase de intervenção pedagógica na qual ministraremos atividades Coeducativas ao final de aula de EFe, na presença das professoras supervisoras. Pelo espaço destinado neste artigo, apresentamos duas atividades ministradas, seguidas de breve análise.

Jogo 1 - Totó humano - Material: Bola. Descrição: A quadra deve ser demarcada em áreas de goleiro(a), defesa, meio campo e ataque. A turma é dividida em 2 equipes. É ideal ter no mínimo 18 participantes, 9 de cada equipe, com trios cobrindo as 3 linhas. Os trios deverão permanecer de mãos dadas, na área designada ao ataque, ao meio campo e à defesa. Os(as) integrantes só poderão se deslocar lateralmente, sem soltarem as mãos. Cada linha deverá ser composta por meninos e meninas e a cada gol marcado deverão se alternar na ocupação dos espaços do ataque, meio campo e defesa. O(A) discente que fizer o gol, não poderá fazê-lo na próxima rodada. Variações podem ser incluídas: o(a) goleiro(a) deverá jogar sentado(a), efetuar os passes com o pé contrário àquele que possui domínio ou com os pés juntos, apoiando-se nos ombros dos(as) colegas.



Utilizamos este jogo com a turma 401, pelo futebol ser um conteúdo propício à abordagem das relações de gênero na EFe, por ainda ser genericado como masculino. A modificação das regras, além de motivar todos(as), neutraliza algumas habilidades do jogo tradicional, como a condução da bola e o drible, pois todos(as) jogam em linha e fixos, propiciando a inclusão de meninos e meninas menos habilidosos(as). O jogo também colabora para debater a inclusão e participação. Após a primeira vivência, as professoras estimularam uma roda de conversa pra levantar as questões sobre o jogo, quando uma aluna comparou o “totó humano” a uma “luta de

UFC com uma bola”. Importante destacar que a fala desta aluna associou o jogo à luta e à suposta agressividade pelos chutes efetuados pelos meninos, aspecto presente na literatura (CORSINO, AUAD, 2012; DEVIDE, CUNHA, VOTRE, 2014). Na mediação da atividade pelas professoras, a turma limitou o número de toques na bola pela mesma equipe, na mesma linha (de defesa, meio de campo ou ataque); e trocou participantes do ataque para a defesa a cada vez que ocorresse um gol (para que meninos e meninas pudessem chutar ao gol, uma vez que, em ambos os grupos, há meninos e meninas menos hábeis com a modalidade), permitindo o prazer em jogar e a inclusão de todos(as). Após o debate, o jogo teve uma segunda vivência, com as alterações propostas.

Jogo 2 - Futebol de caranguejo. Material: Bola. Descrição: A turma deve ser dividida em 2 equipes, uma em cada lado do campo. O jogo ocorre como o futsal, porém, os discentes só podem se locomover em 4 apoios, sem encostarem o quadril no chão, quando é marcada ‘falta’ e a posse da bola passa para a equipe oposta. Para progredir com a bola, os passes devem ser alternados entre meninos e meninas, até haver o chute ao gol. A atividade não é desenvolvida com goleiros(as) na primeira vivência. Caso se torne fácil a progressão e a pontuação de gols, cada equipe poderá eleger um(a), substituído(a) por quem fizer cada gol, contribuindo para que meninos e meninas assumam esta posição.

Essa atividade foi desenvolvida com a turma 701, pois a posição de 4 apoios neutraliza possíveis diferenças de habilidades motoras para a execução de fundamentos básicos do futsal, já presentes entre meninos e meninas no Ensino Fundamental. Na vivência ocorrida, meninos apreciaram o desafio de jogar neste formato didaticamente transformado; assim como as meninas se motivaram, por terem tido mais oportunidade de participar do jogo, tocando na bola, o que assegurou a participação de todos(as), com um viés lúdico, na experiência de uma modalidade generificada como masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto “Coeducação e EFE: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais”, desenvolvido

num Colégio Universitário, com turmas de Ensino Fundamental trouxe resultados relevantes após um ano de intervenção. Nossa observação participante durante um semestre permitiu mapear categorias como sexismo, misoginia, machismo e exclusão por habilidade motora; as quais puderam ser sistematizadas para serem problematizadas a partir de atividades Coeducativas no semestre seguinte.

Nesta trajetória, encontramos resistências e aceitações por parte do grupo discente, no sentido de manifestarem, via discurso e ações cotidianas, tanto a resistência em participar ou os questionamentos sobre a relevância das atividades; quanto a valorização das mesmas no que tange à conscientização acerca das relações de gênero na EFe, na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *Educação Física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 93-116.

CORSINO, L.; AUAD, D. *O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar*. Cortez, São Paulo. 2012.

DEVIDE, F. P. et al. Exclusão intrasexuado em turmas femininas na Educação Física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In: KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. (Orgs.). *Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI*. Jundiaí: Fontoura, 2010. p. 87-105.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira, *Motriz*, Rio Claro, v.17, n.1, p.93-103, 2011.

DEVIDE, F. P. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In.: WENETZ, I; ATHAYDE, P; LARA, L. (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE - Volume 6 - Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: UFRN, 2020. p. 91-106.

DEVIDE, F. P.; CUNHAS, J. P. F. da; VOTRE, S. J. Representations of Teachers about the Relation between Physical Education Contents and Gender Identities. In: MILLER, B. L. (Org.). *Gender Identity: Disorders, Developmental Perspectives*

and Social Implications. Hauppauge New York: Nova Science Publishers, 2014. p. 223-252.

DEVIDE, F. P. (Org.). *Estudos de Gênero na Educação Física e no Esporte*. Curitiba: Appris, 2017.

DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2014.

DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). *Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2017.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa de macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Rev. Bras. de História*. v. 25, n.50, p.315-328 São Paulo, 2005.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. *Meninas e meninos na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI*. Jundiaí: Fontoura, 2010.

LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOUZADA DE JESUS, M.; DEVIDE, F. P. Educação Física escolar, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. S. (Orgs.). *A Pesquisa qualitativa na educação física: Alternativas Metodológicas* 4. ed. Sulina: Porto Alegre, 2017.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? *Motrivivência*, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SARAIVA, M. do C. *Coeducação física e esportes: quando a diferença é mito*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, C. A.; DEVIDE, F. P. Linguagem Discriminatória e Etnométodos de Exclusão nas aulas de Educação Física Escolar. *RBCE*, Campinas, v. 30, n. 2, p.181-197, 2009.

TRONTO, J. C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: S. BORDO, S.; JAGGAR, A. (Orgs). *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 186-203.

Recebido: 11 agosto 2020
Aprovado: 05 novembro 2020
Endereço eletrônico:
Fabiano Pries Devide
fabianodevide@uol.com.br